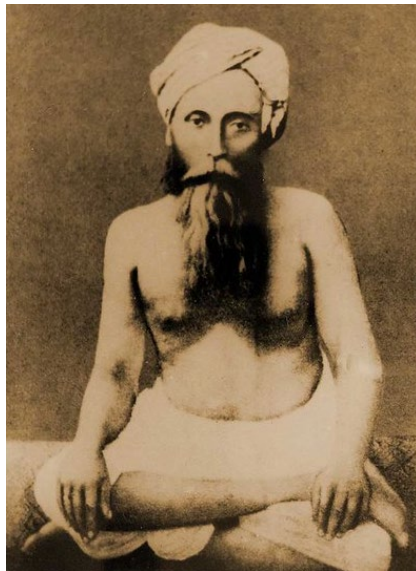


BALARAM BASU¹

Swami Chetanananda²



Balaram Basu (1842-1890)

Geralmente Sri Ramakrishna via seus devotos e discípulos em uma visão ou em êxtase antes que viessem a ele. Um dia ele teve uma visão de Chaitanya e seus seguidores cantando e dançando perto do *Panchavati*, entre a bananeira e a árvore *bakul*. Assim que o Mestre encontrou Balaram Basu pela primeira vez, ele o recebeu afetuosamente, como se já o conhecesse. Ele disse mais tarde: 'Ele [Balaram] era um devoto do círculo íntimo de Chaitanya. Ele pertence a este lugar [querendo dizer a si mesmo]. Eu vi em êxtase como Chaitanya junto com seus principais discípulos, Advaita e Nityananda, trouxeram uma inundação de amor divino ao país e inspiraram as massas através de seu encantador *kirtan*. Naquele grupo eu o vi [Balaram]'.³

Balaram nasceu em dezembro de 1842, em uma família *Vaishnava* abastada do Norte de Calcutá. Seu avô Guruprasad Basu havia estabelecido um templo Radha-Shyam em sua casa, e por causa disso aquela seção da cidade passou a ser conhecida como *Shyambazar*. Ele também construiu um templo Shyamsundar na margem do *Jamuna* em

¹ Tradução do capítulo do livro "*They Lived with God*", dedicado a Balaram Basu.

² Swami Chetanananda é o líder espiritual da *Vedanta Society of St. Louis and Kansas City, Missouri, EUA*.

³ Swami Saradananda, Sri Ramakrishna, *The Great Master*, trans. By Swami Jagadananda, Ramakrishna Math (Madras, 1979), Volume 2, p. 935.

Vrindaban, ao custo de cem mil rúpias. É chamado de 'Kala Babu's kunjja [bosque]'. O pai de Balaram, Radhamohan, e seu tio, Bindumadhav, juntos compraram uma grande propriedade no distrito de *Baleswar* em Orissa e estabeleceram um escritório para sua administração em Kothar. Bindumadhav tinha três filhos: Nimaicharan supervisionava a propriedade, Harivallabh era advogado em Cuttack, e Achyutananda morava na casa deles em Calcutá. Radhamohan também tinha três filhos, Jagannath, Balaram e Sadhuprasad, e duas filhas, Vishnupriya e Hemalata. Radhamohan confiou a administração de sua propriedade conjunta em Orissa a seu irmão e sobrinhos, e ficou principalmente em Vrindaban. Lá naquele lugar santo solitário ele cuidava da administração do templo enquanto praticava disciplinas espirituais. Seguindo um costume familiar, ele repetia seu *mantram* permanecendo no pátio em frente ao templo e então meditava ali. O resto do dia ele estudava escrituras devocionais e providenciava a alimentação dos devotos de Krishna.

Balaram absorveu de seu pai uma natureza devocional e uma indiferença em relação ao mundo. Como Radhamohan, Balaram passava várias horas toda manhã em *japam* e meditação. Ele também confiou a administração da propriedade a seus primos e permaneceu satisfeito com o que eles lhe davam como mesada. Balaram foi casado com Krishnabhavini, uma irmã de Baburam (Swami Premananda), e tiveram duas filhas e um filho.

Balaram sofria muito com problemas digestivos, e por doze anos teve que viver de leite e mingau. Para recuperar sua saúde, ele viveu a maior parte deste período em *Puri*, o lugar sagrado de Jagannath na costa do Golfo de Bengala. Lá ele se familiarizou com muitos monges *Vaishnavas*, e isso despertou ainda mais seu interesse pela vida espiritual. Seu pai e primos começaram a se preocupar que Balaram abandonasse sua família e se tornasse um mendicante. Quando Balaram veio a Calcutá para participar do casamento de sua filha mais velha, seus primos lhe pediram que ficasse. Para persuadi-lo ainda mais, Harivallabh até comprou uma casa na Rua Ramkanta Bose, 57, que ofereceu a Balaram. Balaram não queria aceitá-la. Se ele morasse em Calcutá, não poderia fazer sua visita diária ao Senhor Jagannath e ter a companhia de pessoas santas. Mas para satisfazer seus primos, ele decidiu permanecer em Calcutá por um tempo e então retornar a Puri.

Enquanto ainda morava em *Puri*, Balaram havia lido sobre a vida e os ensinamentos de Sri Ramakrishna no *Sulabh Samachar*, um jornal editado por Keshab Chandra Sen. Ele também havia recebido uma carta de um dos sacerdotes de sua família, Ramdayal, dando um relato detalhado da vida santa de Sri Ramakrishna. Ramdayal havia conhecido o Mestre pessoalmente e escreveu a Balaram para vir imediatamente vê-lo.

No dia seguinte a sua chegada em Calcutá, Balaram foi com Ramdayal a Dakshineswar. Provavelmente foi em 1º de janeiro de 1881. Eles chegaram lá no final da tarde e encontraram o quarto de Sri Ramakrishna lotado de devotos *Brahmo*, incluindo Keshab. Balaram não teve chance de se apresentar, mas sentou-se num canto e ouviu o Mestre. Sri Ramakrishna estava dizendo: 'Deus não pode ser visto sem o anseio do coração, e este anseio é impossível a menos que alguém tenha terminado com as experiências da vida. Aqueles que vivem cercados por 'mulher e ouro', e ainda não chegaram ao fim de suas experiências, não anseiam por Deus'.⁴

Assim que os Brahmós deixaram o quarto para tomar alguns refrescos, Sri Ramakrishna se voltou para Balaram e disse: 'Há algo que você queira me perguntar?'

'Sim, senhor. Deus realmente existe?'

'Certamente que existe'.

'Uma pessoa pode vê-lo?'

'Sim, ele se revela ao devoto que pensa nele como seu mais próximo e querido. Porque você não obtém nenhuma resposta ao orar a ele uma vez, você não deve concluir que ele não existe'.

'Mas por que não posso vê-lo quando oro tanto a ele?'

Sri Ramakrishna então sorriu e perguntou: 'Você realmente o considera tão querido ao seu coração quanto seus próprios filhos?'

'Não, senhor', admitiu Balaram. 'Nunca senti tão fortemente por ele'.

O Mestre então disse em uma voz doce e convincente: 'Ore a Deus, pensando nele como mais querido que seu próprio ser. Verdadeiramente lhe digo, ele é extremamente afetuoso com seus devotos. Ele não pode deixar de se revelar a eles. Ele vem a uma pessoa mesmo antes de ser buscado. Se uma pessoa dá um passo em direção a Deus, Deus dá dez passos em direção a essa pessoa. Não há ninguém mais íntimo e mais afetuoso que Deus'.⁵

Balaram ficou muito impressionado. Cada palavra do Mestre penetrou seu coração. Ele voltou para casa naquela noite, mas na manhã seguinte voltou a Dakshineswar a pé. Desta vez Sri Ramakrishna estava sozinho em seu quarto. Vendo Balaram, o Mestre disse: 'Oh, você veio! Muito bem. Sente-se e descanse um pouco. Eu estava justamente pensando em você. Onde você mora?' 'Em Baghbazar', respondeu Balaram. O Mestre então perguntou detalhadamente sobre os membros de sua família, sobre seus filhos, e outros assuntos, e finalmente disse: 'Olhe aqui, a Divina Mãe me disse que você é meu muito íntimo. Você é um de seus fornecedores.

⁴ M., *The Gospel of Sri Ramakrishna*, trans. by Swami Nikhilananda, Ramakrishna-Vivekananda Center (New York, 1969), p. 1011.

⁵ Advaita Ashrama, *Life of Sri Ramakrishna* (Calcutta, 1943), p. 371-72.

Muitas coisas estão armazenadas para este lugar [querendo dizer a si mesmo] em sua casa. Compre algo e envie aqui'.⁶

Balaram considerou isto como sua boa fortuna e obedeceu de bom grado. Muitas vezes Sri Ramakrishna aconselhava os devotos para seu próprio bem trazer um pequeno presente – mesmo que fosse algo no valor de apenas um *pice*⁷ – sempre que visitassem um templo ou um monge.

Parecia a Balaram que o Mestre era seu próprio parente. Ele nunca em sua vida havia conhecido uma pessoa tão notável. Ele notou que havia semelhanças entre as vidas de Sri Chaitanya e Sri Ramakrishna, e ele ponderou: Tal natureza doce e repetidos *bhava samadhi* (êxtase divino) não são encontrados em seres humanos comuns. Pode ser que Sri Chaitanya tenha se encarnado novamente? Com estes pensamentos em mente, Balaram voltou a Calcutá e pessoalmente selecionou alguns alimentos e outras coisas para o Mestre. Ele então voltou em uma carruagem a Dakshineswar. Sri Ramakrishna o cumprimentou calorosamente e pediu a seu sobrinho Hriday para guardar as coisas. Desta época até a morte do Mestre, Balaram forneceu todos os seus alimentos, como arroz, açúcar *candy*, farinha, sagu, cevada, vermicelli, tapioca, e assim por diante.

O Mestre costumava dizer: 'A comida de Balaram é muito pura. Os membros de sua família há gerações têm sido devotos e têm sido hospitaleiros com monges e mendigos. Seu pai está vivendo uma vida retirada em *Vrindaban*, onde passa seu tempo invocando o Senhor. Não apenas posso comer a comida de Balaram, mas eu a como com prazer'. Novamente: 'Todos os membros de sua família possuem o mesmo ideal. Do patrão e da dona de casa até as crianças, todos são devotados a Deus. Eles nunca tomam uma gota d'água sem dizer suas orações. Eles são tão hospitaleiros quanto piedosos'.⁸

Não é preciso dizer que Sri Ramakrishna era sempre bem-vindo na casa de Balaram. O Mestre visitou sua casa cem vezes, e Balaram guardou um registro de todas aquelas visitas.⁹ Sempre que necessário o Mestre ficaria durante a noite na casa de Balaram e ali participaria do *prasad* de Jagannath, sua divindade familiar, que era adorado todos os dias em sua casa. O Mestre às vezes referia-se brincando ao templo de Dakshineswar como 'o forte da Mãe Kali'. A casa de Balaram era assim seu forte em Calcutá, ou, como ele às vezes a chamava, seu 'salão'.

M. escreveu no Evangelho de Sri Ramakrishna:

"A casa de Balaram em Calcutá havia sido santificada muitas vezes pela presença do Mestre. Lá ele frequentemente se perdia em *samādhi*, dançando,

⁶ Ibid., p. 372-73.

⁷ Valor de 1/100 de uma rúpia indiana (INR). Nota do tradutor

⁸ Ibid., p. 373.

⁹ Swami Chetanananda, Swami Adbhutananda: Teachings and Reminiscences, Vedanta Society (St. Louis, 1980), p. 39.

cantando, ou falando sobre Deus. Aqueles dos discípulos e devotos do Mestre que não podiam ir a Dakshineswar o visitavam ali e recebiam suas instruções. Ele frequentemente pedia a Balaram para convidar jovens discípulos como Rakhal, Bhavanath e Narendra para sua casa, dizendo: 'Estas almas puras são as verdadeiras manifestações de Deus. Alimentá-las é alimentar o próprio Deus. Eles nasceram com atributos divinos especiais. Servindo-os você estará servindo a Deus'. E assim acontecia que sempre que o Mestre estava na casa de Balaram os devotos se reuniam ali. Era a principal 'vinhedo' do Mestre em Calcutá. Foi aqui que os devotos vieram a se conhecer intimamente."¹⁰

Todo ano Balaram celebrava o Festival do Carro do Senhor Jagannath em sua casa. A presença do Mestre aumentava grandemente a alegria da ocasião. Os devotos decoravam o pequeno carro de madeira do Senhor Jagannath com tecido, flores e bandeiras, e então colocavam a imagem nele. Havia um pequeno pátio no meio da casa ao redor do qual havia varandas nos andares superiores. Após o culto o carro era puxado em círculos por devotos nestas varandas enquanto um grupo de *kirtan* seguia, cantando canções devocionais. Isso continuava por horas. Swami Saradananda descreveu o Festival do Carro de 1885:

"Um grupo de *kirtan* veio. O Mestre e os devotos se juntaram em seu canto enquanto o carro era puxado. Onde mais poderia alguém experimentar e testemunhar tal fluxo de felicidade, de devoção exuberante, de êxtase divino, e tal dança doce e graciosa do Mestre? Satisfeito com o amor puro da família piedosa, o Senhor Jagannath de fato se manifestou na imagem no carro e no corpo de Sri Ramakrishna. Foi uma visão rara! Levado pela corrente daquela devoção transbordante, até o coração de um ateu derreteria — o que dizer dos devotos! Após algumas horas de tal *kirtan*, comida cozida era oferecida a Jagannath. O Mestre então participava do *prasad*, seguido pelos devotos. Aquela feira de felicidade chegava ao fim tarde da noite."¹¹

A pedido repetido de Balaram, seu pai, Radhamohan, veio a Calcutá de Vrindaban para conhecer o Mestre. Sri Ramakrishna sabia que Radhamohan era um membro firme da seita *Vaishnava*, mas ele queria ampliar sua visão religiosa. Assim o Mestre disse a ele: 'É de fato um homem real aquele que harmonizou tudo. A maioria das pessoas é unilateral. Mas eu descobro que todas as opiniões apontam para o Um. Todas as visões — a *Shakta*, a *Vaishnava*, a *Vedanta* — têm aquele Um como seu centro. Aquele que é sem forma é, também, dotado de forma. É ele quem aparece em diferentes formas'.¹² Em outra ocasião o Mestre disse ao pai de Balaram: 'A coisa única é amar a Deus e saborear sua doçura. Ele é

¹⁰ The Gospel, p. 724.

¹¹ The Great Master, p. 747-48.

¹² The Gospel, p. 490.

doçura e o devoto é seu desfrutador. O devoto bebe a Doçura Bem-aventurada de Deus. Além disso, Deus é o lótus e o devoto a abelha. O devoto sorve o mel do lótus. Como um devoto não pode viver sem Deus, assim também Deus não pode viver sem seu devoto. Então o devoto se torna a doçura, e Deus seu desfrutador. O devoto se torna o lótus, e Deus a abelha. É a divindade que se tornou estes dois para desfrutar Sua própria Bem-aventurança. Esse é o significado do episódio de Radha e Krishna'.¹³ Toda sua vida Balaram, como outros *Vaishnavas*, foi um crente em *ahimsa*, não-violência. Ele chegou a considerar errado matar os mosquitos que perturbavam sua meditação. Mas após associar-se com Sri Ramakrishna por alguns anos ele percebeu que a coisa mais importante na vida espiritual é manter a mente em Deus, e portanto, matar alguns mosquitos para o bem da meditação firme não deveria ser considerado um pecado. Sua educação ortodoxa, no entanto, o fez duvidar deste raciocínio, e ele se encontrou num verdadeiro dilema. Ele imediatamente partiu para Dakshineswar para expor o problema ao Mestre.

Chegando ao quarto de Sri Ramakrishna, ele notou com grande surpresa que o Mestre estava ocupado matando percevejos. Quando Balaram se aproximou dele e se curvou, o Mestre disse: 'Há muitos percevejos se reproduzindo no travesseiro. Eles me mordem dia e noite, criam distração da mente, e me impedem de dormir, então estou matando-os'. Assim a pergunta de Balaram foi respondida pelo Mestre.¹⁴ Além disso, ele entendeu que embora estivesse visitando o Mestre há dois ou três anos e o observando de perto dia e noite, o Mestre nunca havia feito nada que pudesse ferir seus sentimentos ou sua fé. Ele havia esperado para ensinar a Balaram esta lição até saber que Balaram tinha fé suficiente nele para ser capaz de aceitá-la.

Um dia Balaram decidiu testar o poder de onisciência de Sri Ramakrishna. Enquanto levava uma bandeja de doces ao Mestre, ele mentalmente selecionou dois deles para o Mestre pegar. Balaram ficou espantado quando o Mestre sorriu para ele e pegou aqueles mesmos dois doces.¹⁵

Como Balaram não tomava parte ativa na administração da propriedade familiar, ele estava um tanto sob o controle de seu pai e primos, que lhe rateavam sua parte mensal da renda. Por causa disso ele era muito cuidadoso com seus gastos, e algumas pessoas tomavam isso como mesquinhez. Embora quisesse servir a Sri Ramakrishna generosamente, não podia. Mas o Mestre olhava mais para o coração de seu devoto do que para a quantia que ele podia gastar.

¹³ Ibid., p. 305.

¹⁴ Life of Sri Ramakrishna, p. 375.

¹⁵ Akshay Kumar Sen, Sri Sri Ramakrishna Punthi, Udbodhan (Calcutta, 1949), p. 307.

Às vezes por diversão, no entanto, o Mestre contava piadas às custas de Balaram, transformando-as em lições para outros. Um dia Sri Ramakrishna observou que como não havia instrumentos musicais para acompanhar o canto, nenhuma atmosfera espiritual podia ser criada. Ele disse: ‘Vocês sabem como Balaram organiza um festival? Ele é como um brâmane mesquinho criando uma vaca. A vaca deve comer muito pouco mas dar leite em torrentes. Cantem suas próprias canções e toquem seus próprios tambores. Essa é a ideia de Balaram!’¹⁶ E em outro dia: “Balaram diz para mim: ‘Por favor, venha a Calcutá de barco; pegue uma carruagem apenas se for necessário’. Vocês veem, ele nos deu um banquete hoje; então esta tarde ele vai fazer todos nós dançarmos! Um dia ele alugou uma carruagem para mim daqui a Dakshineswar. Ele disse que o aluguel da carruagem era doze *annas*. Eu disse a ele: ‘O cocheiro vai me levar a Dakshineswar por doze *annas*?’ ‘Oh, isso será mais que suficiente’, ele respondeu. Um lado da carruagem quebrou antes de chegarmos a Dakshineswar. Além disso, o cavalo parava a cada momento; simplesmente não queria ir. De vez em quando o cocheiro chicoteava o cavalo, e então ele corria uma curta distância”¹⁷.

Mahendranath Datta, um dos irmãos de Swami Vivekananda, contou uma história interessante revelando a mesquinhez de Balaram assim como seu senso de humor. Balaram tinha um servo que não era bem pago, então de tempos em tempos ele roubava coisas. Aquele servo também tinha mau temperamento, e os membros da família não estavam felizes com ele. Um dia Swami Yogananda tentou persuadir Balaram a se livrar daquele servo. Balaram respondeu: ‘Olhe, Yogin, servos geralmente vêm de famílias pobres e incultas, e é dado como certo que eles vão roubar algo. Além disso, se eu o expulsar, onde ele irá? Você pode me dizer onde posso encontrar um servo que tenha renunciado a ‘luxúria e ouro’ e que trabalhe mas não roube?’ Os discípulos de Sri Ramakrishna mais tarde fizeram uma piada com este comentário, dizendo: ‘Teremos que encontrar um servo totalmente renunciado para Balaram’¹⁸.

Embora Balaram pertencesse a uma família rica e aristocrática, nunca se saberia disso por seu comportamento. Ele era a encarnação da atitude *Vaishnava*: ‘Seja mais humilde que uma folha de grama e seja paciente e tolerante como uma árvore. Não aceite honra para si mesmo. Dê honra a todos. Cante incessantemente o nome do Senhor’. M. deu algumas descrições da natureza humilde de Balaram no Evangelho. Em 11 de março de 1882, ele escreveu:

¹⁶ The Gospel, p. 756.

¹⁷ Ibid., p. 805.

¹⁸ Mahendra Nath Datta, Saradananda Swamijir Jivaner Ghatanavali, Calcutta, p. 95-96.

Por volta das oito horas da manhã Sri Ramakrishna foi como planejado à casa de Balaram Basu em Calcutá. Era o dia de *Dola-yatra* [um festival primaveril associado a Krishna]... Os devotos e o Mestre cantaram e dançaram em um estado de fervor divino. Vários deles estavam em um estado de êxtase... Quando a música terminou, os devotos sentaram-se para sua refeição. Balaram ficou ali humildemente, como um servo. Ninguém o teria tomado pelo patrão da casa.¹⁹

Em 5 de agosto de 1882, Sri Ramakrishna foi visitar Ishwar Chandra Vidyasagar, e conversou com ele sobre Deus até tarde da noite. M. descreveu o seguinte incidente:

Sri Ramakrishna então se despediu de Vidyasagar, que com seus amigos acompanhou o Mestre até o portão principal... Assim que o Mestre e os devotos chegaram ao portão, viram uma visão inesperada e ficaram parados. Diante deles estava um cavalheiro barbudo de tez clara, com cerca de trinta e seis anos. Ele vestia suas roupas como um bengali, mas na cabeça tinha um turbante branco amarrado à moda dos Sikhs. Logo que viu o Mestre, caiu prostrado diante dele, turbante e tudo.

Quando ele se levantou o Mestre disse: 'Quem é este? Balaram? Por que tão tarde da noite?'

Balaram: 'Estive esperando aqui muito tempo, senhor'.

Mestre: 'Por que você não entrou?'

Balaram: 'Todos estavam ouvindo você. Eu não gostaria de lhe perturbar'.²⁰

O amor é recíproco. Se você ama, será amado. Lemos sobre o amor dos devotos por Deus nas biografias dos santos, mas o amor ilimitado de Deus pelos devotos raramente foi registrado, porque não é possível para seres humanos ordinários compreendê-lo. A sobrinha de Sri Ramakrishna, Lakshmi Devi, contou a seguinte história do amor do Mestre por Balaram e sua família:

Uma vez Balaram Babu veio a Dakshineswar de barco com sua esposa e filhos. Eles visitaram o Mestre por um tempo, e todos partiram para Calcutá à tarde. O próprio Mestre foi ao *ghat chandni* para vê-los partir. Sorrindo para eles, ele disse: 'Voltem novamente'.

O barco deles saiu para o rio, e o Mestre ficou ali observando até que tivessem ido bastante longe. Entretanto uma tempestade começou a soprar e o céu rapidamente escureceu com nuvens. Eu notei que o Mestre estava bastante preocupado. Ele começou a andar de um lado para outro como um menino inquieto, sua ansiedade aumentando enquanto observava o progresso do barco balançando violentamente.

¹⁹ The Gospel, p. 93.

²⁰ Ibid., p. 109-10.

Impacientemente ele estava perguntando a todos: 'O que vai acontecer? Balaram e sua família sobreviverão a esta tempestade? Ai! O que vai acontecer? As pessoas dirão que Balaram foi ver aquele santo inútil e infeliz em Dakshineswar e perdeu sua vida voltando. Digam-me, o que vai acontecer?'

Gradualmente o barco desapareceu de vista. O Mestre voltou para seu quarto, seu rosto sombrio, sua mente muito perturbada, e ele retomou sua caminhada inquieta, lamentando: 'Mãe, você vai escurecer meu rosto? Você não ouvirá minha oração? Mãe, o que vai acontecer?'

Vendo o estado de espírito do Mestre, Yogin, sem dizer nada, partiu para Calcutá no meio da tempestade para obter notícias que pudesse de Balaram Babu. Ele pegou uma carruagem compartilhada de Alambazar, e dentro de poucas horas estava de volta (já era noite) e foi capaz de relatar ao Mestre que Balaram Babu e sua família haviam chegado em casa em segurança. O Mestre ficou muito alegre.²¹

Em outra ocasião a esposa de Balaram, Krishnabhavini, estava seriamente doente. Quando a notícia chegou ao Mestre em Dakshineswar, ele imediatamente disse à Santa Mãe: 'Por favor, vá vê-la'. 'Como irei? Não há transporte', respondeu a Santa Mãe. 'O quê!' disse o Mestre. 'A família de Balaram está à beira de um desastre, e você não irá vê-los porque não consegue um veículo! Caminhe! Vá a pé! Felizmente um palanquim foi encontrado, e a Santa Mãe foi nele vê-la.'²²

Krishnabhavini, como seu marido, era extremamente devota ao Mestre. Sri Ramakrishna disse uma vez que ela era 'uma das oito principais companheiras de Radha'.²³ Ramlal, um sobrinho do Mestre, contou a seguinte história: Uma tarde Sri Ramakrishna disse: 'Ramlal, eu não tenho vontade do leite que vem da cozinha do templo. Você poderia conseguir algum leite puro e doce para mim?' Depois de tentar em vão no mercado, Ramlal foi a um leiteiro, mas não conseguiu nenhum leite puro. Quando voltou de mãos vazias o Mestre disse: 'Bem, o que pode ser feito?' Enquanto isso, Krishnabhavini estava fervendo leite em sua cozinha em Calcutá. Yogin-ma também estava lá, e Krishnabhavini lamentou-se com ela: 'Olhe, Irmã, é minha má sorte que não pude alimentar o Mestre com este leite puro e doce. Apenas as pessoas da casa o desfrutarão. Se você pudesse me acompanhar, então ambas poderíamos ir a Dakshineswar e alimentar o Mestre com ele. Está escuro agora e ninguém saberá se sairmos pela porta dos fundos'. Ambas então partiram a pé para Dakshineswar com um pequeno jarro de leite. Quando entraram no quarto do Mestre, ele disse: 'Oh, vocês trouxeram leite para mim? Desde esta tarde tenho

²¹ Swami Nirlepananda, Ramakrishna-Saradamrita, Karuna Prakashani (Calcutta, 1968), p. 11-12.

²² Udbodhan, Sri Sri Mayer Katha (Calcutta, 1965), Volume 2, p. 103.

²³ Swami Gambhirananda, Sri Ramakrishna Bhaktamalika, Udbodhan (Calcutta, 1964), Volume 2, p. 209-10.

pensado em tomar um pouco de leite puro e doce'. Krishnabhavini e Yogin-ma ficaram surpresas e encantadas de poder cumprir o desejo do Mestre desta forma. Sri Ramakrishna então as mandou de volta a Calcutá em uma carruagem. Ele também pediu a Ramlal para acompanhá-las e explicar a Balaram que elas foram ver o Mestre. Ele não queria que Balaram as entendesse mal.²⁴

Obstáculos na vida espiritual tornam um devoto forte. Para aqueles que se entregam a Deus, Deus remove todos os obstáculos e torna tudo favorável. Balaram estava feliz por poder servir ao Mestre. Na parte final de 1885, no entanto, mais ou menos na mesma época em que Sri Ramakrishna foi transferido de Dakshineswar para Shyampukur para tratamento de seu câncer, o primo de Balaram Harivallabh veio a Calcutá. Harivallabh estava perturbado com as notícias que recebia sobre Balaram. Ele havia ouvido de diferentes pessoas que Balaram estava muito envolvido com Sri Ramakrishna, que Sri Ramakrishna visitava sua casa com bastante frequência, e que as mulheres de sua família até mesmo tocavam os pés do Mestre, um costume considerado abaixo da dignidade de sua família. Balaram continuou a visitar Sri Ramakrishna todos os dias, mas estava preocupado que este primo pudesse criar problemas e forçá-lo a se mudar neste momento crucial da vida do Mestre.

Era difícil esconder algo dos olhos de Sri Ramakrishna. Vendo o rosto preocupado e sombrio de Balaram, o Mestre lhe fez algumas perguntas e descobriu que este primo era a causa de sua ansiedade. Então o Mestre perguntou: 'Que tipo de homem é ele [Harivallabh]? Você pode trazê-lo aqui algum dia?' Balaram disse: 'Senhor, como homem ele é bom, erudito, inteligente, magnânimo e caridoso, mas ele me entendeu mal com base no relato de outros. Ele está descontente comigo apenas porque venho aqui. Portanto duvido que ele viria aqui a meu pedido'. O Mestre então disse: 'Você não precisa convidá-lo então. Por favor, chame Girish aqui'. Girish veio e concordou de bom grado em trazer Harivallabh ao Mestre, pois tinham sido colegas de escola.²⁵

Na tarde seguinte Harivallabh veio com Girish. O Mestre o cumprimentou calorosamente e tocando nele disse: 'Você parece ser meu próprio'. Então Sri Ramakrishna falou sobre fé em Deus, devoção e autoentrega. Um dos discípulos do Mestre começou a cantar uma canção, e Sri Ramakrishna gradualmente entrou em *samādhi*. Vendo a forma amorosa e ouvindo as palavras inspiradoras do Mestre, Harivallabh ficou tão comovido que lágrimas brotaram em seus olhos. Ao anoitecer ele reverentemente tocou os pés do Mestre e partiu. Assim Sri Ramakrishna

²⁴ Vaikuntha Nath Sanyal, Sri Sri Ramakrishna Lilamrita (Calcutta, 1936), p. 360-61.

²⁵ The Great Master, Volume 2, p. 989.

mudou a mente de Harivallabh e aliviou Balaram de mais preocupações e ansiedade.²⁶

Antes de Sri Ramakrishna ir morar na casa em *Shyampukur*, no Norte de Calcutá, ele ficou por uma semana na casa de Balaram. Durante a doença do Mestre Balaram continuou a fornecer todos os seus alimentos, pois o Mestre não gostava da comida que era comprada com o dinheiro doado. Após a morte do Mestre em 16 de agosto de 1886, a Santa Mãe mudou-se para a casa de Balaram, e Balaram então arranhou sua peregrinação a *Varanasi*, *Vrindaban* e outros lugares santos. Sua casa estava sempre aberta à Santa Mãe e aos discípulos de Sri Ramakrishna.

Os discípulos monásticos eventualmente estabeleceram um mosteiro em *Baranagore*, e Balaram os visitava regularmente. Um dia ele notou que os monges comiam apenas arroz e espinafre. Depois de voltar para casa ele disse à sua esposa que teria apenas arroz e espinafre em sua refeição. Ela primeiro pensou que ele estava pedindo tal comida simples por causa de seu estômago fraco, mas quando depois ouviu a história toda ela imediatamente enviou comida e outros artigos ao mosteiro. Daí em diante Balaram daria uma rúpia todo dia para a oferta de comida ao Mestre, e além disso ele acompanharia a situação alimentar no mosteiro através de seu cunhado Swami Premananda e através do cozinheiro.²⁷

Swami Adbhutananda mencionou os seguintes incidentes em suas memórias sobre Balaram:

Balaram Babu economizava dinheiro de seu orçamento doméstico e o usava para servir aos monges. Seus parentes pensavam que ele era um miserável. Eu nunca soube quão rico ele era! Um dia, vendo-o deitado numa cama estreita, eu disse: 'Por que você não arruma uma cama maior? Esta é muito estreita para você'. Você sabe o que ele disse? "Este corpo terreno um dia retornará à terra. Por que o dinheiro deveria ser gasto para minha cama quando pode ser muito melhor gasto no serviço a pessoas santas?"²⁸

O banquete de casamento da filha mais nova de Balaram Babu, Krishnamayi, foi realizado em grande escala. [Tinha sido arranjado pelos irmãos de Balaram.] Balaram Babu não tinha sido favorável a gastar tanto dinheiro, no entanto. Ele costumava dizer: 'Um banquete para parentes é igual a um banquete para fantasmas'. Finalmente ele teve alguma satisfação quando Swami Yogananda por coincidência visitou sua casa naquele dia. Balaram Babu disse a ele: 'Eu sei que monges não participam de festivais de casamento, mas se você comer pelo menos um doce eu

²⁶ Ibid., p. 990.

²⁷ Ramakrishna Shankarananda Sevashram, Swami Shankaranander GalpaKatha (Bamunmura, 1966), p. 62.

²⁸ Swami Adbhutananda, p. 39.

considerarei este enorme gasto válido'. Swami Yogananda comeu um pouco a seu pedido.²⁹

Swami Vivekananda tinha tremendo amor e respeito por Balaram. Swamiji disse-lhe uma vez: 'Nossa relação com você é diferente. Se você nos empurrar pela porta da frente, entraremos novamente pela porta dos fundos'.³⁰ Balaram sempre ficou ao lado dos discípulos do Mestre e os serviu de todo coração. Um dia, no entanto, Balaram lamentou-se para Swamiji: 'Você e eu fomos ambos ao Mestre, mas agora você renunciou sua casa e se tornou um monge. Você está praticando *japam* e meditação e fazendo tremendo progresso em pouco tempo, enquanto eu permaneço a mesma alma atada. Eu não alcancei nada'. 'Olhe, Balaram', respondeu Swamiji, 'três gerações de sua família deram serviço a pessoas santas. Você acha que tal coisa poderia ser infrutífera? Como resultado de tais ações virtuosas você teve a chance de servir uma grande alma como Sri Ramakrishna. Isto glorificará sua dinastia. Você não precisa praticar renúncia ou austeridades severas. É o resultado de suas ações virtuosas que você conheceu e serviu o Mestre. E você sabe o quanto o Mestre gostava de visitar sua casa e era afetuoso com suas oferendas. O que você fará com o céu ou a liberação? Não é [o amor do Mestre] suficiente?' Balaram ficou feliz em ouvir isso. Ele percebeu que seu serviço ao Mestre era igual à meditação e austeridade.³¹

Em 1890 houve uma epidemia de gripe em Calcutá, que tirou a vida de muitas pessoas. Balaram também se tornou vítima daquela epidemia e morreu em 13 de abril de 1890. Swami Shivananda contou a seguinte estória da morte de Balaram:

A partida de cada um dos devotos do Mestre é um evento maravilhoso em si. A partida de Balaram Babu foi igualmente maravilhosa. Sua doença havia tomado um rumo sério, e todos estavam ansiosos. Um dia ele ficou repetindo: 'Bem, onde estão meus irmãos?' Quando esta notícia chegou a nós, apressamo-nos à sua casa em *Baghbazar* [em Calcutá], Nós mesmos ficamos ao lado dele e cuidamos dele. Por cerca de dois ou três dias antes de sua partida ele não permitia que nenhum de seus parentes se aproximasse dele; ele queria apenas que nós estivéssemos por perto. O pouco que falava era sobre o Mestre apenas. Um dia, antes da partida final, o médico entrou e declarou que ele estava além de cura [desenganado].

No último momento estávamos sentados ao redor dele, enquanto sua esposa, atingida por um luto indizível, estava no aposento interior com Golapma, Yogin-ma e outras. Justamente então ela notou algo como um pedaço de

²⁹ Chandra Sekhar Chatterjee, *Sri Sri Latu Maharajer Smritikatha*, Udbodhan (Calcutta, 1953), p. 110.

³⁰ Swami Nirlepananda, *Swamijir Smriti Sanchayan* (Calcutta, 1967), p.90.

³¹ Mahendra Nath Datta, *Vivekananda Swamijir Jivaner Ghatanavali* (Calcutta, 1964), Volume 1, p. 85-86.

nuvem negra no céu, que ficou mais densa por estágios e começou a descer. Logo assumiu a forma de uma carruagem e pousou no telhado da casa de Balaram Babu. O Mestre saiu daquele carro e prosseguiu em direção ao quarto onde Balaram Babu jazia. Logo depois, ele saiu, levando Balaram Babu pela mão, e entrou no carro novamente, que então ascendeu e desapareceu no céu. Esta visão elevou sua mente a um plano muito alto onde não poderia haver toque de luto ou dor. Quando ela retornou ao normal relatou isto a Golap-ma, que veio nos informar do fato. Balaram Babu havia falecido pouco antes.³²



³² For Seekers of God, trans. by Swamis Vividishananda and Gambhirananda, Advaita Ashrama (Calcutta, 1975), p. 268-69.